



1290000078



TCC/UNICAMP L628e

LÍLIAN RAQUEL DE LIMA

O ENSINO PRESENCIAL E A DISTÂNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para o curso de Pedagogia com habilitação em Administração Escolar da Faculdade de Educação, UNICAMP, sob a orientação da Profa. Dra. Sonia Giubilei.

Campinas, SP

1998

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

L628e Lima, Lílian Raquel de Lima.
O ensino presencial e a distância na educação de jovens e adultos / Lílian Raquel de Lima. -- Campinas, SP : [s. n.], 1998.

Orientador : Sônia Giubilei.
Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação a distância. 2. Educação de adultos. I. Giubilei, Sônia. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Luiz e Eurlí, por sempre depositarem total confiança em mim.

Agradeço ao meu irmão, Wesley, pelo seu carinho, amor e atenção.

Agradeço ao meu noivo, Adriano, pelo seu carinho, amor e companheirismo, estando sempre ao meu lado em todos os momentos.

Agradeço a minha orientadora, Prof^ª. Sônia Giubilei, por suas orientações, paciência e compreensão.

"É preciso ficar claro que a desesperança não é maneira de estar sendo natural do ser humano, mas distorção da esperança. Eu não sou primeiro um ser da desesperança (...) Eu sou, pelo contrário, um ser da esperança que, por "n" razões, se tornou desesperançado. Daí que uma das nossas brigas como seres humanos deva ser dada no sentido de diminuir as razões objetivas para a desesperança que nos imobiliza".

Paulo Freire

"Aquele que é um mestre, realmente um mestre, leva as coisas a sério somente em relação aos seus alunos, até ele mesmo".

Rubem Alves

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| Introdução | 01 |
| I. Objetivos | 05 |
| 1 - Geral | 05 |
| 2 - Específicos | 07 |
| II. Metodologia de Trabalho | 08 |
| III. Fundamentação Teórica | 09 |
| 1 - O Aluno Jovem e Adulto | 09 |
| 2 - Formação do Educador de Adultos | 12 |
| 3 - Educação de Jovens e Adultos | 16 |
| 4 - Educação a Distância | 19 |
| IV. Projetos que se Apoiam na Educação a Distância | 23 |
| 1 - ACESSO - Petrobrás | 23 |
| 2 - Telecurso 2000 | 24 |
| V. Pesquisa de Campo | 26 |
| 1 - Levantamento dos Dados | 26 |
| 2 - Análise dos Dados | 27 |
| VI. Conclusões | 38 |
| VII. Bibliografia | 40 |
| VIII Anexos | 42 |
| Anexo 1 - Questionário | 43 |
| Anexo 2 - Quadro 1 | 44 |
| Anexo 3 - Quadro 2 | 45 |

INTRODUÇÃO

Segundo dados apresentados na Revista Exame (17/jul/96:41), “um quinto da população brasileira com idade superior a 15 anos não sabe ler nem escrever. Em números absolutos, isso significa quase *vinte milhões* de pessoas materialmente incapacitadas, em função da ignorância, para fruir do desenvolvimento ou colaborar com ele. Essa cifra triplica caso sejam incluídos os chamados analfabetos funcionais, isto é, aquelas pessoas que não completaram a 4ª série do primário.”

De posse dessa realidade podemos ter uma idéia da proporção do descuido com a educação em geral. A qualidade da educação passa a ser foco central na análise dos problemas do sistema educacional brasileiro. Com os avanços e progressos da economia mundial, faz-se indispensável um bom nível educacional para os trabalhadores. O processo de globalização da economia, o aumento da exposição do país à competição internacional e as modificações que ocorrem no mundo em termos de evoluções tecnológicas aceleradas, trazem como consequência a necessidade de um trabalhador com qualificação diferente daquela tradicionalmente aceita. Assim, em vez de uma especialização rígida, apresenta-se agora uma etapa onde se busca maior flexibilidade, raciocínio lógico e capacidade de adaptação, de aprender, de tomar decisões, de avaliar resultados, de comunicar e de identificar e solucionar problemas. E tudo isso só é possível ser alcançado com funcionários alfabetizados e educados.

“O sistema educacional brasileiro não vem respondendo às necessidades do novo perfil de qualificação da mão-de-obra, em que inteligência e conhecimento são fundamentais. Num cenário onde a ‘era das máquinas inteligentes’ começa a predominar, as qualificações intelectuais tendem a evoluir para um nível de qualificação geral sólida constituída essencialmente de grande capacidade de operar e desenvolver conceitos abstratos ou simbólicos.” (Seixas;1998)

A comunicação, uma tendência global e imprescindível no processo educativo, permite o aumento da produtividade. O número de

alunos que têm acesso à informação, no entanto, é de baixíssima proporção. Uma evidência gritante é que o Brasil não consegue acompanhar os países desenvolvidos, como por exemplo a Grã-Bretanha que, tendo privilegiado investimentos em tecnologia, tornou possível que grande parte da população pudesse participar ativamente de uma rede de produção de conhecimento e a conseqüente qualificação de profissionais da educação, espera-se garantir dessa maneira uma maior produtividade e competitividade, tanto no mercado externo quanto no interno.

A busca da qualidade total¹ necessita de pessoal competente para a consecução dos objetivos. E não é possível se pensar em programas de qualidade sem que todas as pessoas da empresa sejam, no mínimo, alfabetizadas.

Mas não é só levando em consideração o prisma econômico que devemos repensar a educação, e sim como algo necessário ao bem-estar do próprio indivíduo. Isso tanto para suprir suas necessidades de interação com a sociedade como para sua realização pessoal.

De acordo com Léon (1977:40), "a decisão de empreender uma formação procede, no adulto, de uma causalidade complexa, na qual entram, ao mesmo tempo, a necessidade de resolver certos problemas pessoais e a necessidade de enfrentar as exigências mutáveis do mundo do trabalho." Uma pessoa com boa instrução é muito capaz de resolver problemas que não o seria caso fosse analfabeta. Assim a educação traz um certo sentimento de autonomia para o indivíduo, faz com que ele sinta vontade de participar da sociedade e discutir os assuntos pertinentes a ela, uma vez que tem motivação para se sentir um cidadão como qualquer outra pessoa.

Além do aspecto trabalhista que conta um grande ponto no processo de retorno do jovem e do adulto à sala de aula, tem ainda a questão da *marginalidade*, ou seja, as pessoas consideram marginalizados aqueles que são analfabetos ou semi-analfabetos, o que é uma visão errônea, pois muitos deles não tiveram acesso à escola quando crianças

¹ "Sistema de gerenciamento que tem como princípio satisfazer e superar as expectativas dos clientes através de produtos e serviços, onde todos os integrantes da organização participem e contribuam para a melhoria da qualidade de forma global". (Unimed: <http://www.unimedfesp.com.br/quapg2.htm>)

devido a problemas fora de seu próprio domínio, que é um reforço para levá-lo mais rapidamente a procurar instrução. Os analfabetos são considerados como uma parte existente *fora* da esfera social.

O conceito de marginalidade nesse caso, tem que ser recusado porque o analfabeto não é um ser que existe fora da sociedade, mas ao contrário é um ser existente no interior de "uma estrutura social, em relação de dependência para com os que falsamente chamamos de seres autônomos e que, na realidade, são seres inautênticos". (Freire;1980:74)

Para que se possa refutar essa idéia da marginalidade é preciso haver um processo de conscientização tanto para as pessoas "da sociedade" que acreditam nesse conceito marginal como para os jovens e adultos sem instrução, que devem ser conscientizados quanto ao seu papel na sociedade em que todos estão inseridos. Talvez dessa maneira estes poderão reivindicar sua posição como cidadãos e não se conformando com o estigma que lhes foi conferido.

"Conscientização é o processo pelo qual as pessoas, não como recipientes mas como alunos ativos, adquirem uma profunda consciência tanto da realidade sociocultural que modela suas vidas como de sua habilidade para transformar essa realidade. Isso significa esclarecer as pessoas acerca dos obstáculos que as impede de terem uma percepção clara da realidade."(Mcneil;1984:05)

A formação do profissional que vai trabalhar a educação de jovens e adultos deve levar em consideração as expectativas do mercado de trabalho procurando satisfazer suas exigências, mas também deve possibilitar que a educação recebida pelo aluno jovem ou adulto tenha realmente uma importância em sua vida pessoal.

O processo educativo, de um modo geral, deve também respeitar a inteligência e a opinião dos alunos sobre os temas a serem abordados na aprendizagem. E isso tem que ocorrer principalmente no caso da educação de jovens e adultos porque estes têm objetivo e expectativas diferentes das crianças que estão iniciando sua vida escolar. Isso se percebe à partir de sua própria história de vida. O jovem/adulto vem para a sala de aula com uma "bagagem" muito rica de conhecimentos acerca da

vida e isso **não** deve ser ignorado, mas sim aproveitado como uma importante contribuição, o que funciona até como motivação para o aluno.

Apesar de tudo isso, de acordo com Léon (1977:147), “o aumento incessante da demanda no domínio da formação dos adultos suscita grande número de instituições e organismos cujas finalidades nem sempre correspondem às da educação permanente e integral”, fundamental para satisfazer as necessidades pessoais, e não somente profissionais, desses adultos. É o que veremos no decorrer deste trabalho.

I. OBJETIVOS

1. OBJETIVO GERAL

Existe de fato uma grande vontade e necessidade de aprender por parte do povo, tanto para se satisfazer podendo atuar como cidadão, como para ter condições de melhorar sua situação no trabalho.

Quando pensei em realizar este trabalho foi no sentido de verificar se os cursos oferecidos aos alunos jovens e adultos são adequados à sua realidade e constatar como o ensino pode influenciar no seu trabalho. Sempre olhei com desconfiança a modalidade de ensino a distância por achar que não satisfaz metodologicamente para atender a necessidade que o adulto tem da presença de um professor para ajudá-lo imediatamente a solucionar as dúvidas tão comuns em quem abandonou a escola há vários anos. Além disso há o interesse na formação dos empregados por parte das empresas.

Segundo Léon (1977:76), "para o trabalhador (...), a decisão de seguir uma formação não decorre somente de razões estritamente econômicas. Além das preocupações relativas ao emprego ou à remuneração do trabalho destacam-se, dentre as motivações expressas, a necessidade de informar-se e de cultivar-se, o cuidado em ajudar os filhos na escola, a busca do prestígio junto a pessoas do bairro ou da família e o desejo de compreender melhor as instruções religiosas."

Isso acontece principalmente nos dias atuais em que cada vez mais é preciso saber se expressar de maneira firme. A própria situação em que se encontra o país pede uma população crítica, capaz de refletir sobre os problemas vigentes. Pode parecer que não seja importante para alguns grupos políticos ter um povo educado e, conseqüentemente, crítico, que veja como nosso país está se tornando cada vez pior, por isso mesmo é que devemos lutar por mais educação. É preciso reverter o sistema de

dominação que muitas vezes nos é imposto e não tomamos consciência dele.

Em síntese, o objetivo desse trabalho será **comparar a educação oferecida ao adulto nas modalidades: presencial e a distância.**

2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

São objetivos específicos deste trabalho:

- Verificar junto ao professor/monitor de jovens/adultos a necessidade de uma formação específica.
- Levantar as dificuldades que os professores/monitores sentem ao trabalhar com os alunos jovens e adultos.
- Identificar qual modalidade, presencial ou a distância, oferece melhor preparo para o trabalho na empresa e para a melhoria de vida de jovens e adultos.
- Verificar, junto ao professor/monitor, se considera importante a presença do aluno jovem/adulto em sala de aula.
- Levantar as dificuldades de aprendizagem dos alunos tanto na forma presencial como a distância.
- Verificar se o material utilizado tanto nas telessalas quanto nas regulares está adequado à modalidade a que se destina.

II. METODOLOGIA DE TRABALHO

O primeiro pensamento, quando da disposição de utilizar uma técnica para realizar este trabalho foi o de entrevistas com os professores e os monitores selecionados. No entanto, devido a dificuldade encontrada para realizá-lo em um primeiro contato com uma instituição e ao pouco tempo disponível pelos professores/monitores procurados para responderem às questões, o instrumento de coleta de dados utilizado foi o questionário.

O trabalho foi realizado com dois monitores das telessalas do SESI (um que atende aos alunos da comunidade e o outro aos alunos de empresas), com um monitor da empresa DAKO, um professor do ensino presencial que o SESI oferece para a comunidade, e duas professoras do ensino presencial da rede, sendo que uma delas trabalha com supletivo da rede estadual e a outra leciona na Fundação Municipal de Educação Comunitária (FUMEC).

III. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. O ALUNO JOVEM E ADULTO

A fase adulta talvez seja a mais importante para o indivíduo e para a sociedade em geral. Na faixa etária dos vinte aos quarenta anos teoricamente, "o indivíduo começa a assumir plenamente as funções que a sociedade espera do ser adulto." (Merval;1994:10)

Importantes características físicas devem ser levadas em consideração na fase adulta. A rapidez, força e agilidade caracterizam o adulto normal, mas nesse período da vida começam a aparecer os primeiros traços de envelhecimento. Segundo Merval (1994:12) "entre os vinte e os trinta anos de idade o tônus muscular e a força do homem atingem seu ponto máximo. A partir dos trinta anos de idade o tônus muscular e a força do homem começam a declinar. A altura começa a diminuir lentamente, a partir dos vinte e cinco anos de idade. A capacidade auditiva do ser humano começa a diminuir mesmo durante a adolescência. E, o que é pior, do ponto de vista da saúde física, o tecido gorduroso começa a aumentar", porém, são discretas as mudanças físicas que ocorrem no organismo não deixando razões para preocupações por parte do indivíduo adulto.

Nesta fase da vida humana o indivíduo tem que conquistar sua independência e ser responsável. De acordo com isso, ele tem que lutar para conseguir uma boa colocação no mercado de trabalho e ser capaz de sustentar sua família.

Estas considerações estão sendo feitas sobre os indivíduos tanto para a faixa etária de vinte a quarenta anos, que são os mais facilmente encontrados no mercado de trabalho, como para a idade que vem após os quarenta anos (maturidade ou meia-idade), pois muitos indivíduos trabalham, produzem e querem estudar do mesmo modo como os mais jovens. Porém, esses indivíduos precisam de um nível de ajustamento às novas tecnologias do trabalho que um indivíduo mais jovem pode conseguir facilmente, "a automação implica necessariamente em rapidez e as pessoas

de meia-idade não podem competir com pessoas mais jovens, especialmente em tarefas que requerem grande rapidez mental nos processos de decisão.” (Merval;1994:65). Essas características não invalidam, no entanto, a necessidade de aprender e conhecer que todo ser humano sente quer seja jovem, de meia-idade ou idoso.

Além dessas necessidades de conhecimento e aprendizagem, há uma necessidade fundamental de mudança, de troca e de variedade de hábitos. Além do que é necessário à própria pessoa em essência, somam-se necessidades da vida profissional, social e educacional. Este fato faz com que estejamos sempre em busca por melhores condições de vida.

Levando em consideração não só as características físicas das pessoas, segundo Prada (1997:76) “o que caracteriza as pessoas adultas são suas experiências, sua história de vida, seus saberes. As experiências prévias influenciam cada novo conhecimento e determinam pautas de comportamento que as pessoas cotidianamente assumem. Servem de referencial para analisar outras experiências próprias ou de outras pessoas, definem atitudes ante situações com múltiplas escolhas, e assim construindo sua identidade pessoal, elas orientam o presente e visualizam o futuro.”

São muitas as razões que levaram as pessoas jovens-adultas a não concluírem seus estudos na idade regular para isso. As causas podem ser a falta de vagas no momento em que procuraram a escola, as condições sócio-econômicas da família ou tantas outras. O fato é que de uma maneira ou de outra, elas voltam à escola. Essa volta, no entanto, pode ser traumática em muitos casos por se considerarem incapazes e inseguras em vários aspectos. Esses alunos precisam ser cuidados com muito respeito e atenção, requerem uma situação de sala de aula bem diferente daquela que espera a criança, por exemplo.

Segundo Prada (1997:85-86), “as pessoas [jovens e] adultas aprendem o que está contido no currículo escolar tanto como as crianças, mas de forma diferente.(...) As metodologias que apresentam maior sucesso no ensino com pessoas [jovens e] adultas são aquelas que resgatam o

cotidiano de seu contexto cultural, partem do concreto, dinamizam as relações entre os participantes, tanto em pequenos como em grandes grupos, contribuem para reforçar valores ou idéias arraigadas culturalmente.”

No processo de aprendizagem de jovens e adultos é necessário que levemos em consideração, em primeiro lugar, as suas especificidades enquanto pessoas experientes e não podemos confundi-los com crianças.

2. FORMAÇÃO DO EDUCADOR DE ADULTOS

A formação do professor é de vital importância no sucesso de um curso para alunos jovens e adultos, principalmente por ser uma pessoa muitas vezes mais moço do que os seus alunos e por ter que ser capaz de conduzir o processo de ensino-aprendizagem de maneira satisfatória para esse grupo de alunos.

O que vemos hoje é que, de acordo com Novoa (1992:21), “a explosão escolar trouxe para o ensino uma massa de indivíduos sem as necessárias habilitações acadêmicas e pedagógicas, criando desequilíbrios estruturais extremamente graves.” A grande necessidade de professores para ensinar jovens e adultos fez com que não se pensasse, num primeiro momento, nas condições que seriam dadas a esse ensino. Bastaria ter um professor e pronto. Só que a realidade nos revela uma situação bem diferente, com a precisão de professores capacitados especificamente para trabalhar com alunos jovens e adultos.

Segundo Novoa (1992:24), “a formação de professores tem ignorado, sistematicamente, o desenvolvimento pessoal, confundindo *formar* e *formar-se*, não compreendendo que a lógica da atividade educativa nem sempre coincide com as dinâmicas próprias da formação. Mas também não tem valorizado uma articulação entre a formação e os projetos das escolas, consideradas como organizações dotadas de margens de autonomia e de decisão de dia para dia mais importantes. Estes dois ‘esquecimentos’ inviabilizam que a formação tenha como eixo de referência o desenvolvimento profissional dos professores, na dupla perspectiva do professor individual e do coletivo docente.” Este é um erro gravíssimo nos cursos para formação de professores pois, assim como um profissional de qualquer outra área o professor precisa realizar-se na sua profissão, com isso o desenvolvimento pessoal é de extrema importância para ele.

É preciso, também, que tomem conhecimento da realidade nas escolas durante a sua formação e não somente quando estiverem em busca de lecionar. Esse contato, que pode ser no estágio, com o que acontece de fato nas escolas pode ajudá-los a esclarecerem as dúvidas que

porventura apareçam durante o seu próprio momento de aprendizagem. Essa é a diferença entre *formar* e *formar-se* citada anteriormente: o curso forma os docentes, mas é preciso que eles procurem formar-se buscando conhecer a prática da sala de aula. Assim quando forem em busca do trabalho docente já poderão encarar com mais naturalidade os problemas encontrados no âmbito educacional.

Esse conhecimento deve preparar o professor para lidar com o aluno criança ou adolescente, mas pode ser que para poder lidar ricamente com o aluno jovem e adulto o professor tenha que se especializar ainda mais. A sistemática adotada deve levar em consideração a especificidade desse grupo de alunos. Eles precisam ser tratados de acordo com sua realidade de vida.

É preciso, além do domínio do conteúdo a ser trabalhado, saber lidar com os alunos de maneira extrovertida e dinâmica para que os jovens e adultos se sintam a vontade para questionar e tirar dúvidas. O conteúdo não é tudo na sala de aula e “a mera transmissão de conhecimentos pelos professores, preocupados em repassar durante um curso a listagem de temas enunciados nos conteúdos do currículo, gera uma posição política acrítica, que pode converter-se em modelo e reforço para os estudantes e às vezes passados como valores ainda que contrários aos que os docentes dizem possuir.” (Prada;1997:79) Então, a questão do conteúdo deve ter uma importância relevante, mas que não domine a circunstância na sala de aula.

O educando tem que se sentir feliz e respeitado na sala de aula, esses sentimentos ajudam em muito o processo de aprendizagem mesmo que ele tenha graves dificuldades, visto que sente muita motivação para realmente aprender. “O educador de [jovens e] adultos tem que admitir sempre que os indivíduos com os quais atua são homens normais e realmente cidadãos úteis. Tem que considerar o educando não como um ser marginalizado, um caso de anomalia social, mas, ao contrário, como um produto normal da sociedade em que vive.” (Pinto;1987:82)

O respeito que o educador deve ter para com seus alunos jovens e adultos começa desde o momento em que ele tem consciência das

capacidades desses alunos, tem que considerá-lo como um ser pensante. Apesar de muitas vezes os alunos serem mais velhos do que seu professor, não significa que por estarem do lado oposto ao dele, como educandos, sejam menos importante no processo de aprendizagem.

Assim como os demais profissionais os professores também devem estar em um processo contínuo de formação para que possam estar sempre se atualizando e em contato com as mudanças ocorridas no âmbito educacional. Conforme diz Garcia (1992:54-55), "um (...) aspecto que nos parece conveniente destacar é a necessidade de conceber a formação de professores como um *continuum*. Apesar de ser composto por fases claramente diferenciadas do ponto de vista curricular, a formação de professores é um processo que tem de manter alguns princípios éticos, didáticos e pedagógicos comuns, independentemente do nível de formação em causa."

De acordo com Novoa (1992:25), "a formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é uma identidade profissional."

É preciso que os professores desenvolvam uma mentalidade crítica acerca dos assuntos a serem tratados com os alunos visando a levá-los também a um raciocínio crítico. Isso não quer dizer que o professor deva impor-lhes a sua ideologia, mas estimulá-los a refletirem sobre questões importantes para eles e para a sociedade.

"Deste modo, mais do que aos termos aperfeiçoamento, reciclagem, formação em serviço, formação permanente, convém prestar uma atenção especial ao conceito de desenvolvimento profissional dos professores, por ser aquele que melhor se adapta à concepção atual de professor como profissional do ensino. A noção de desenvolvimento tem uma conotação de evolução e de continuidade que nos parece superar a tradicional justaposição entre formação inicial e aperfeiçoamento dos professores." (Garcia;1992:55)

De acordo com Prada (1997:95), "ser educador é educar-se permanentemente, pois o processo educativo não se fecha e é contínuo. Cada conhecimento que os educadores com seus estudantes constroem, implica novas relações com outros conhecimentos, novas procuras, perguntas, dúvidas, em resumo, novas construções."

3. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

No trabalho de educação com jovens e adultos podem ser encontradas características consideradas negativas pelos professores durante o seu processo, devido às condições que os alunos se apresentam.

“Dentre as características negativas, suscetíveis de constituir obstáculo às ações educativas, P. Goguelin (1970) sublinha, além de outras, o declínio das capacidades intelectuais, a deterioração das capacidades físicas e perceptivas e a regressão da adaptabilidade, da criatividade, o senso do risco e do desejo de mudança. Esses traços tendem a reforçar-se quando é caso de adultos-analfabetos.” (Léon;1977:102-103)

Porém, conforme vimos, essas características não devem constituir motivos de preocupação pelos alunos jovens e adultos e nem pelos professores pois, se forem tomados os devidos cuidados e a utilização de técnicas adequadas haverá um sucesso garantido no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, o aluno jovem/adulto pode contribuir ricamente nesse processo fazendo-se uso de suas experiências, “conhecimentos, habilidades, experiência, modelos de conduta.(...) Essas diferentes características merecem, sem dúvida, ser conhecidas por todos os formadores de jovens e adultos. Poder-se-ia, além disso, no quadro de uma psicopedagogia aberta, determinar os efeitos imputáveis à idade ou às experiências vividas e sublinhar a importância das diferenças interindividuais nos adultos.” (Léon;1977:103)

Os alunos jovens/adultos que retomam seus estudos, geralmente, tendem a levá-los adiante e mesmo sem saber como dirigir seus esforços, são capazes de trabalhar energeticamente para atingir seus objetivos.

Portanto, no processo de Educação de Jovens e Adultos é importante conhecer bem os alunos em questão. De acordo com essa afirmação, existem diversas causas que podem ocasionar o fracasso de programas de educação de jovens e adultos. Segundo Norbeck (1978), existem três causas para esse fracasso:

"1ª) tratamos os adultos como crianças → são manipulados como crianças, colocados em salas de aula e sentam-se em carteiras feitas para crianças;

2ª) os adultos não sentem necessidade de educação → não são motivados para ela, ou não estão motivados para o tipo de educação que lhes é dada;

3ª) não conhecemos os adultos → não sabemos as suas idades, profissões, origens culturais, experiências, condições sócio-econômicas, condições físicas, etc."

De acordo com o primeiro argumento da autora, os alunos jovens/adultos são *manipulados como crianças*, porém, podemos dizer que diversas vezes eles são considerados como crianças por muitos professores, a grande maioria, que não têm a devida formação para lidar com ele. Esse tratamento diminui a vontade de estudar do aluno jovem/adulto, pois ele tem a necessidade de estar em um ambiente que atenda às suas condições e não quer ser tratado como criança.

No segundo argumento, a autora diz que o adulto *não sente necessidade de educação*. Ora, como podemos concordar com essa afirmação tendo em vista a inevitável concorrência que ocorre nas empresas em busca de profissionais mais capacitados e que, evidentemente, faz com que os trabalhadores busquem melhores condições para poderem competir ? As empresas têm incentivado, dessa forma, a melhoria de educação dos seus funcionários.

A terceira afirmação da autora, de que *não conhecemos os adultos*, só é verdadeira se considerarmos o ensino a distância, pois no ensino presencial o professor fatalmente acaba conhecendo seus alunos e, dessa maneira, pode atender às expectativas da sua clientela. Já no caso da educação a distância é praticamente impossível de se conhecer os alunos que estão sendo atendidos, bem como de se atender às suas necessidades, já que o material todo a ser utilizado vem pronto e é o mesmo para todos, sem que se tenha noção do tipo de clientela atendida.

Se concordarmos que a educação de jovens e adultos é diferente daquela oferecida à criança, a palavra jovem ou adulto deve ter um

significado especial. Os fatores incluídos nas tentativas de definições devem ter um efeito real na maneira como programamos a educação.

Como dito anteriormente, a posição do professor é muito importante numa turma de educação de jovens e adultos, pois muitas vezes, ele é até mais novo do que os participantes; pode acontecer que ele tenha menos experiência de vida do que alguns adultos. Ele não é o seu mestre (Norbeck), pois pode ter muita coisa a aprender com seus alunos também, de igual para igual.

É preciso promover um sentimento de interação entre iguais. Também, teremos de desafiar o cansaço do jovem/adulto depois de um dia de trabalho. Para se combater isso, há duas coisas a fazer: uma é ter a certeza de que o educando jovem/adulto vê os benefícios do curso, e a outra é a variedade. Devemos fazer com que o curso seja particularmente estimulante e atraente. Ele deve ser planejado com um conjunto de atividades que faça com que os participantes realmente adquiram as novas habilidades e conhecimentos. Tudo isso ao longo de um intervalo de tempo que permita a adequada incorporação e maturação das novidades, porque para maioria dos alunos o contato com o ensino é uma verdadeira inovação em sua vidas.

“É também conveniente considerar fatores particulares, circunstanciais, que dependem ora do indivíduo, de suas motivações profundas ou dos novos papéis que deve assumir, ora das solicitações do meio ambiente, como por exemplo a abertura de um curso na empresa ou da difusão de certo programa - de rádio-televisão para adultos.” (Léon;1977:41)

4. EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Um problema gravíssimo a se enfrentar no processo educacional é a utilização de novas modalidades de ensino, como por exemplo o *Ensino a Distância*.

Segundo Alves (1998), a educação a distância começou num momento bastante conturbado da educação brasileira. “Tem-se como marco histórico a implantação das ‘Escolas Internacionais’ em 1904, representando organizações norte-americanas. Entretanto, o Jornal do Brasil, que iniciou suas atividades em 1891, registra na primeira edição da seção de classificados, anúncio oferecendo profissionalização por correspondência (datilógrafo), o que faz com que se afirme que já se buscavam alternativas para a melhoria da educação brasileira, e coloca dúvidas sobre o verdadeiro momento inicial da EAD (educação a distância). Nessa época, a crise na educação nacional já era notada, buscando-se desde então opções para a mudança do *status quo*. Vale transcrever a citação contida no relatório de 1906, do Dr. Joaquim José Seabra, Ministro da Justiça e Negócios Interiores, que abrangia a Educação, ao Presidente da República. Textualmente, assim manifestava o titular da pasta:

‘O ensino chegou (no Brasil) a um estado de anarquia e descrédito que, ou faz-se a sua reforma radical, ou preferível será aboli-lo de vez.’”

Um grande avanço da educação a distância no Brasil é percebido no fim da década de 80 e início dos anos 90, não só em decorrência dos processos de informatização, assim como na difusão das línguas estrangeiras. Hoje há um incontável número de cursos que oferecem formas de auto-aprendizagem, por meio de instruções programadas para microcomputadores, vídeos e fitas K-7.

De acordo com Ivônio Nunes (1998), “a educação a distância é um recurso de incalculável importância como modo apropriado para atender a grandes contingentes de alunos de forma mais efetiva que outras modalidades e sem riscos de reduzir a qualidade dos serviços oferecidos em decorrência da ampliação da clientela atendida. (...) Chega

aos dias de hoje a utilizar multimeios que vão desde os impressos à simuladores on-line, em redes de computadores, avançando em direção da comunicação instantânea de dados voz-imagem via satélite ou por cabos de fibra-ótica, com aplicação de formas de grande interação entre o aluno e o centro produtor, quer utilizando-se de inteligência artificial-IA, ou mesmo de comunicação instantânea com professores e monitores.”

Por incrível que pareça, isso tem se tornado um método de ensino “completo”, ao invés de funcionar como um complemento no processo de ensino-aprendizagem. Podemos contar ainda aí com um inexistente controle de qualidade por parte do Governo, “aliás, não há sequer um cadastro nacional das entidades que utilizam essa metodologia de ensino. Inexistindo, é bastante difícil controlar a qualidade.” (Alves;1998)

Se a melhoria da qualidade da educação é de competência do Governo, não é possível que se deixe de controlar a qualidade do ensino oferecido tanto na modalidade presencial como a distância. Só que no caso do ensino presencial o controle é realizado pelas Delegacias de Ensino, se for na rede estadual e pelas Secretarias Municipais, se for no município, e pode-se saber quais as condições da escola, porém em não se tendo um registro das instituições que aplicam o ensino a distância não é possível haver o controle.

Sem que haja esse controle de qualidade não deveria ser permitido que o ensino a distância fosse utilizado indiscriminadamente no ensino de adultos que, muitas vezes, são semi-analfabetos. Antes disso, é preciso ser confirmada a eficiência da metodologia utilizada.

De acordo com o Decreto nº 2.494 de 10 de fevereiro de 1.998 que regulamenta o art. 80 da LDB nº 9.394/96,

“Art. 1º Educação a distância é uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação.

Parágrafo Único – Os cursos ministrados sob a forma de educação a distância serão organizados em regime

especial, com flexibilidade de requisitos para admissão, horários e duração, sem prejuízo, quando for o caso, dos objetivos e das diretrizes curriculares fixadas nacionalmente.”

Conforme está dizendo o texto, o ensino a distância deve ser realizado em condições especiais, e não deve ser considerado como um método de ensino completo e perfeito, adequado para a aprendizagem de pessoas que muitas vezes mal sabem ler.

O ensino a distância pode ser muito útil quando um profissional quiser se atualizar na sua área de trabalho, já o analfabeto ou semi-analfabeto pode não conseguir acompanhar essa tecnologia. Para ele já é difícil estar começando sua aprendizagem como jovem ou adulto, assim seria muito mais eficiente uma aprendizagem em que o professor estivesse presente para poder conduzi-lo quando houver dúvidas.

Para ir em defesa do ensino a distância, são utilizados argumentos que vão contra o ensino com a presença do professor:

“Por meio do ensino presencial (com o professor), fomos levados a acreditar que só podíamos aprender se um **documento** se dispusesse a nos dar aulas, ou seja, se alguém nos explicasse e desenvolvesse, em sala de aula ou mesmo fora dela, os conteúdos a serem aprendidos. Como alunos, esperávamos que um docente nos ensinasse por acreditarmos que só a partir disso teríamos condições de aprender. Dentro da especificidade do ensino a distância, as coisas acontecem de um modo diferente: espera-se e cria-se condições para que o aluno perceba que com materiais adequados e com boas orientações ele pode, e deve, construir a própria aprendizagem de forma autônoma e independente.”
(Gonçalves;1996:3-4)

Ora, isso nada mais é do que “deturpar” o ensino tradicional em benefício do ensino a distância. A afirmação acima tenciona levar-nos a considerar o professor como uma presença prejudicial no processo de aprendizagem dos alunos; o professor é considerado como um “*documento que dá aulas*” ! É claro que existem diferentes metodologias de ensino, mas não há nenhum prejuízo na aprendizagem devido a presença do professor. Muito pelo contrário, ele pode dar o suporte necessário ao aluno quando há

dificuldade. O ensino presencial não impede que o aluno tenha autonomia e independência, ao contrário, ele pode e deve participar ativamente para a construção do conhecimento.

Em muitos casos, a presença do professor funciona até mesmo como conforto e segurança para o aluno. É muito desconfortante, quando no momento em que surge uma dúvida não temos ninguém para esclarecê-la, ou termos que esperar por um contato remoto, quando o interesse já não está mais tão grande sobre o assunto. A perda é sintomática com isso.

O ensino a distância para jovens e adultos não leva em conta as especificidades de cada um, e constituído dessa maneira visa unicamente ganhar tempo durante o processo, uma vez que pode ser “uma forma de treinamento em massa de milhares” de pessoas (Nunes,1998:8).

IV. PROJETOS QUE SE APOIAM NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

1. ACESSO - PETROBRÁS

A Petróleo Brasileiro S.A.-PETROBRAS, que hoje conta com aproximadamente 53.000 empregados, distribuídos por quase todo o país e em alguns pontos do exterior, desenvolveu, a partir de 1975, o Projeto ACESSO, com a finalidade de proporcionar a escolarização em nível de 1º. e 2º. graus a seus funcionários e de oferecer profissionalização específica para a área de petróleo.

Esse projeto foi desenvolvido pelo Centro de Ensino Técnico de Brasília-CETEB, que desenvolveu a metodologia, elaborou os módulos e tem acompanhado todo o processo de implantação e desenvolvimento dos cursos.

Para uma clientela adulta, na faixa de 20 a 40 anos de idade, com interrupção de estudos há mais de cinco anos, foi levado um curso de educação geral, de acordo com os currículos do ensino supletivo, e profissionalização específica para a indústria petrolífera.

Segundo a PETROBRÁS, o Projeto ACESSO possui as seguintes orientações: estudo autônomo, através de módulos; demonstração de competência dos cursistas, por meio de instrumentos de aferição da aprendizagem em cada módulo; demonstração de suficiência pelos cursistas, quando o direito à aprovação no módulo só é alcançado quando o cursista consegue satisfazer os critérios previstos nos instrumentos auto-instrucionais.

A Empresa tem avaliado como excelentes os resultados alcançados, em que pese as dificuldades várias enfrentadas por este projeto, sobretudo as operacionais, sendo que já concluíram os cursos de 1º. e 2º. graus, com seus respectivos cursos profissionalizantes, 2.258 funcionários. (Nunes;1998;8-9)

2. TELECURSO 2000

É um programa de educação dirigido a jovens e adultos, com proposta direcionada à formação para o mundo do trabalho, por meio de educação a distância, com uso de multimeios (TV, vídeo, material impresso, monitoria, prática de oficina).

O TC 2000 é uma iniciativa da Fundação Roberto Marinho em parceria com o Sistema FIESP/CIESP/SESI/SENAI/IRS.

O Telecurso 2000 pode ser acompanhado de 3 formas diferentes:

- *Pela Televisão - Recepção Livre*

O aluno assiste às teleaulas e estuda pelos livros, pesquisando o que for necessário e fazendo os exercícios propostos.

- *Em Uma Telessala - Recepção Organizada*

O aluno assiste às teleaulas em uma telessala, instalada em uma organização pública ou privada (escola, empresa, sindicato, igreja, associação comunitária, etc.). Neste caso, o aluno vai frequentar o curso em local e horário predeterminados e ser acompanhado por um Orientador de Aprendizagem.

- *Tirando Dúvidas Em Um Teleposto - Recepção Controlada*

Nesta modalidade, o aluno assiste às teleaulas, estuda pelos livros e tira suas dúvidas em um teleposto. Os telepostos têm Orientadores de Aprendizagem à disposição dos alunos, em horários previamente marcados, para esclarecer suas dúvidas. Os alunos podem estudar individualmente ou em grupo no teleposto.

Ao Orientador de Aprendizagem "cabe planejar, organizar e proporcionar situações dinâmicas e variadas para o grupo de alunos; selecionar recursos, técnicas e procedimentos didáticos adequados; acompanhar e avaliar permanentemente os trabalhos, de modo a promover a participação dos alunos no processo de aprendizagem. *Seu papel não é o de um professor, mas sim o de mediador que auxilia a leitura crítica dos conteúdos, buscando o bom andamento das atividades.*" (Fundação Roberto Marinho)

No site da Internet do TC 2000, há um chamado *Projeto Teleguru*, onde estão sendo aceitos professores:

“O TC 2000 está cadastrando professores voluntários de todo o país para participarem do Projeto Teleguru. Profissionais da rede pública e privada de ensino e professores aposentados que tenham acesso à Internet e correio eletrônico, podem participar. O objetivo é contribuir para a melhoria do ensino de 1º e 2º graus do país.

O Teleguru vai criar uma rede de professores voluntários de todas as regiões do Brasil. Estes profissionais vão tirar dúvidas de conteúdo e de exercícios dos alunos do Telecurso 2000 de 1º e 2º graus e de Profissionalizantes em Mecânica. Também vão auxiliar o trabalho dos Orientadores de Aprendizagem das telessalas.

As dúvidas serão enviadas diretamente para os professores pelo correio eletrônico (e-mail) ou para uma lista de discussão à qual todos os alunos, professores e orientadores poderão ter acesso e participação.”(<http://www.frm.com.br/tc2000>)

V. PESQUISA DE CAMPO

1 - LEVANTAMENTO DOS DADOS

O levantamento dos dados foi feito através de questionários respondidos por professores/monitores do ensino presencial e a distância. Foram três os professores e três monitores em cada modalidade.

O baixo número de pessoas que responderam o questionário se deve à dificuldade encontrada nos contatos com as empresas e várias vezes à pouca disponibilidade de alguns professores, o que pode desmotivar bastante quem está realizando a pesquisa.

A escolha de questionário deveu-se ao fato de que os professores/monitores poderiam respondê-lo no momento em que quisessem ou lhes fosse mais viável. A entrevista (idéia inicial quanto à técnica a ser utilizada) tomaria mais tempo deles, além de causar certo constrangimento.

As questões objetivaram englobar a situação do professor/monitor vivida em sala de aula/telessala e suas impressões quanto ao aproveitamento dos seus alunos jovens e adultos.

Houve uma certa demora no recolhimento dos questionários junto aos professores/monitores, justificada pelo acúmulo de afazeres enfrentados pelos respondentes.

Na análise dos dados houve ainda dificuldade devido a que alguns professores/monitores responderam de forma lacônica, outros de maneira direta e outros ainda discorriam mais sobre as questões.

2 - ANÁLISE DOS DADOS

Na análise dos dados, procurou-se comparar as respostas dadas às questões pelos professores do ensino presencial com as dadas pelos monitores do ensino à distância.

Quanto a modalidade do ensino presencial, todos os professores questionados têm curso superior com licenciatura, sendo que um é formado em Matemática, outro em Letras e o terceiro em Biologia. Entretanto, 66,6% têm formação também em Magistério-2º Grau. Nenhum deles tem formação específica para trabalhar com jovens e adultos sendo que 66,6% não acham importante ter essa formação específica e 33,4% disseram que o trabalho seria melhor se tivessem essa formação.

Quanto às características que consideram necessárias ao professor de jovens e adultos, 66,6% ressaltaram que ele deve ser dinâmico, atencioso, calmo, pesquisador e 33,4% acrescentaram que ele deve ser empreendedor e buscar assuntos que sejam do interesse dos alunos adultos. Considerando-se essas respostas, observa-se que pelo menos 33,4% têm a percepção do trabalho atendendo ao interesse de seu aluno adulto.

Na questão de "como os alunos chegam à sala de aula", todos disseram ser por necessidade de aprender, sendo que 33,4% afirmaram que alguns são encaminhados pelas empresas em que trabalham.

Na questão das "dificuldades que sentem ao trabalhar com o aluno jovem/adulto" 33,4% responderam que sentem dificuldade devido ao cansaço dos alunos, e os outros 66,6% afirmaram ser a falta de material apropriado que desperte o interesse dos alunos.

Quando questionou-se quais são "as dificuldades dos alunos na aprendizagem" 33,4% ressaltaram o longo tempo fora da escola, além de 66,6% destacarem a dificuldade de raciocínio e de assimilação, muito embora um dos respondentes tenha completado a informação afirmando que também o aluno adulto tem dificuldade na "escrita de textos".

Todos os professores concordam que o ensino influencia no desenvolvimento do trabalho dos alunos, dizendo que eles ficam mais conscientes, críticos e podem se adaptar melhor às condições de trabalho.

Quanto à “exigência por parte das empresas sobre a frequência e conclusão dos alunos no curso” 33,4% dizem que não há. Um deles diz que depende da empresa e outros 33,4% dizem que algumas exigem que seus funcionários se “reciclem”, mas não têm alunos nessa condição no momento.

Na questão do “tempo utilizado para terminar o curso entre os alunos que têm menos dificuldades e os que têm mais dificuldades”, 33,3% dizem que é mais ou menos a mesma, 33,3% dizem que varia de dois a seis anos e 33,4% ressaltam que aqueles que têm mais facilidade concluem as quatro séries iniciais em 2 a 3 anos enquanto os que têm mais dificuldades levam 6 a 7 anos para concluir essas mesmas séries.

Quanto aos “recursos utilizados para solucionar dúvidas dos alunos”, a avaliação feita pelos respondentes dá a percepção de que o incentivo a que se utilizem do trabalho em grupo para melhores resultados pedagógicos é feito pela maioria dos respondentes (66,6%). Essa percepção do valor do trabalho em grupo já não é percebida por 33,4%, que apenas consideram a lousa e a utilização de exercícios como recurso pedagógico para sala de aula.

Essa visão do recurso pedagógico pode ser verificada na questão sobre o livro didático, pois nenhum deles o utilizam, buscando em textos diversificados, recortes de jornais os meios de que precisam em suas aulas, justificando que não o adotam por constatarem que não são adequados ao aluno adulto.

Em se tratando do trabalho pedagógico atendendo à cotidianidade do adulto, todos os respondentes informaram que respeitam a realidade de seu aluno, buscando nela recursos para trabalharem os conteúdos.

Quanto ao valor e importância da frequência às aulas todos os professores consideram que a presença do docente no ensino para o adulto é fundamental uma vez que o aluno frequentando as aulas e tendo

um maior entrosamento tanto do professor com seu aluno, quanto do aluno adulto com seu colega de estudos pode sentir-se mais à vontade para esclarecer suas dúvidas. Portanto, a presença de ambos torna-se um fator preponderante do gosto para os estudos e, conseqüentemente, para a aprendizagem de ambos, professor e aluno.

Quanto ao rendimento apresentado pela turma que estuda após o trabalho ser igual ao da turma que estuda antes de trabalhar, todos concordam que não é o mesmo, sendo que um deles ressalta que a turma que antes estuda e depois trabalha tem melhor rendimento. Um outro diz não ter sentido esta diferença ainda pois leciona com uma turma vai para a sala de aula depois do trabalho, mas afirma que este fato sempre se constituiu como um agravante das dificuldades que os alunos têm. Este é um fator importante a ser vencido pelos professores, pois o cansaço depois de um dia de trabalho pode prejudicar muito o rendimento do aluno em aula.

Em duas salas de aulas a variação de alunos vai de 15 a 35, enquanto a outra tem 40 alunos. O número de alunos em sala de aula também é um fator importante no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que quanto menor for melhor poderá ser o aproveitamento da turma. Os alunos podem sentir-se mais à vontade para tirar dúvidas e todos têm a sua chance de fazê-lo. Numa turma muito grande, nem sempre dará para todos os alunos esclarecerem suas dúvidas ou exporem suas opiniões sobre os assuntos colocados em sala de aula, e isso pode ser um fator desmotivante para ele podendo causar até o abandono do curso.

Quanto aos monitores de jovens e adultos na modalidade de ensino a distância, apenas 33,4% têm curso superior de Biologia com licenciatura e 66,6% têm Magistério - 2º Grau. Nenhum dos respondentes tem formação específica para trabalhar com alunos jovens e adultos e, também nenhum deles considera necessário que o educador de jovens/adultos tenha essa formação específica para atender a clientela.

Todos eles acham que o monitor/professor de jovens e adultos deve ser dinâmico e objetivo, sendo que 33,4% acrescentaram que o monitor deve ser conhecedor da realidade dos alunos. Considerando essas respostas podemos perceber que uma parcela bem pequena dos monitores

respondentes leva em conta o interesse do próprio aluno adulto, uma vez que para isso precisa partir da sua realidade.

Todos afirmam que os alunos chegam à sala de aula por livre e espontânea vontade e, em alguns casos, por pressão da empresa em que trabalham.

Quanto às “dificuldades que encontram para trabalhar com os alunos”, 33,4% ressaltam a baixa auto-estima e problemas domésticos que os afligem. Outros 33,4% destacam problemas psicológicos além da baixa auto-estima. O outro grupo, além de baixa auto-estima, resalta o medo que os alunos têm de perder o emprego. Podemos perceber que o problema de baixa auto-estima está em 100% dos casos. De acordo com estas respostas podemos verificar que muitas vezes o adulto chega à sala de aula sob intensa pressão, que pode ser psicológica ou social, e pode não encontrar muita motivação para continuar com seus estudos se perceber que a escola não está atendendo à sua especificidade.

Sobre as “dificuldades que os alunos têm na aprendizagem”, 66,6% ressaltam problemas na memorização, além de todos os respondentes concordarem em que há falta de raciocínio. Este fato pode se dever ao longo tempo fora da escola, além dos métodos utilizados em aula não serem adequados ao aluno adulto. A técnica de memorização utilizada por muitos monitores e professores pode não ter sentido para o adulto, uma vez que ele quer entender o conteúdo partindo de sua própria realidade. Na memorização muita coisa é perdida já que o seu processo é puramente mecânico.

Todos consideram que há influência do ensino no trabalho dos alunos, dizendo que eles desenvolvem maior autonomia para resolver problemas já que desenvolvem um senso crítico mais apurado.

Na questão da exigência por parte da empresa quanto à frequência e conclusão dos alunos, 33,4% dizem que não há e 66,6% dizem que não há exigência quanto à frequência mas sim quanto à conclusão.

Quanto a “média de tempo de conclusão do curso para os alunos que têm mais dificuldade e os que têm menos”, 33,4% dizem que é

mais ou menos a mesma. Já 66,6% disseram que a média é de 6 meses para quem tem facilidade e 18 meses para aqueles com mais dificuldades.

Os recursos utilizados para tirar dúvidas dos alunos são pesquisas em livros para todos os monitores respondentes, sendo que 66,6% incentivam relatos de experiências.

Na questão do “livro utilizado ser do nível de conhecimento do aluno”, 66,6% afirmam que sim. 33,4% disseram que quando a turma é de 1º grau o livro está ao nível dos alunos, mas quando é de 2º grau depende da qualidade do curso que o aluno teve no 1º grau, pois o curso é programado para alunos que cursaram o 1º grau através do Telecurso 2000.

Quanto aos “conteúdos atenderem à especificidade do cotidiano do aluno jovem e adulto”, todos afirmam que sim, sendo que um deles diz ser o material utilizado programado para este fim. O material utilizado nas aulas destes monitores é o mesmo empregado nas aulas do Telecurso 2000.

Sobre a necessidade de frequência dos alunos na sala de aula, todos os monitores respondentes concordam que depende do aluno, se este consegue acompanhar bem o curso ou não. Podemos perceber aí que não há uma cobrança quanto à frequência do aluno às aulas, ficando à critério dele a necessidade de frequentá-las ou não. Com isso, o monitor pode pressupor que o aluno esteja acompanhando a matéria em casa e caso ele não consiga acompanhá-la no curso, o fracasso terá sido dele. Ou seja, o fracasso do curso cairá sobre o aluno.

Todos concordam que a turma que estuda depois do trabalho não tem o mesmo rendimento daquela que estuda antes de trabalhar. 66,6% informam que a turma que estuda antes do trabalho tem rendimento melhor. Assim, podemos verificar que os monitores, o que é óbvio, têm noção de que uma turma de alunos cansados depois de um período de serviço é menos rentável do que a turma dos alunos que vêm descansados para a aula.

A variação de alunos nas salas dos monitores questionados é de 40 a 50 pessoas. Sabe-se que quanto mais superlotada for uma sala, menor será o rendimento da turma. Essa realidade é mais grave por se tratar

de adultos. Ficando os alunos sem obter respostas para suas dúvidas pode causar desmotivação e um conseqüente abandono do curso.

Bem, de acordo com os dados coletados os professores/monitores das duas modalidades de ensino questionadas, presencial e a distância, não têm formação específica para lidar com os alunos jovens e adultos e apenas um deles, do ensino presencial, acha que isso é importante. Podemos perceber com isso a falta de consciência por parte dos professores/monitores quanto a essa questão. Isso se deve, em parte pela ausência de um curso específico para formação de professores de jovens e adultos. De acordo com Prada (1997:78-79) “a falta de preparação e qualificação dos professores para o trabalho com pessoas [jovens e] adultas, condiciona-os a seguir modelos educativos tradicionais, transmitir conhecimentos predeterminados e descontextualizados, esquecendo-se que a atuação docente não é apenas educativa, em termos de ensino, e que seus estudantes têm características específicas, fazendo-se necessário, também, o emprego de metodologias apropriadas ao estudante.”

Todos os professores/monitores ressaltaram características relevantes que devem ter na educação com jovens e adultos, como dinamismo, calma, atenção para com eles. Um professor, do ensino presencial, acrescentou a importância de se buscar assuntos que sejam do cotidiano dos alunos e um monitor, do ensino a distância, ressaltou o valor de se conhecer a realidade dos educandos.

Para se trabalhar com jovens e adultos é preciso que o professor tenha certas características que facilitem o relacionamento com estes alunos, mas existem muitas restrições nesse processo de ensino-aprendizagem porque de acordo com Prada (1997:74) “os educadores encontram dificuldade para se relacionarem com as pessoas jovens-adultas, pelo fato de não serem crianças (às quais, saberiam orientar no processo de aprendizagem, pois para isso foram formados profissionalmente).” Mas este é um problema a ser superado, ao que parece, pelo próprios professores/monitores visando uma melhoria na sua relação com os alunos jovens e adultos.

Todos os professores afirmaram que os alunos chegam à sala de aula por livre e espontânea vontade. Os monitores do ensino a distância, acrescentaram que muitos alunos voltam para a sala de aula devido a pressão das empresas onde trabalham. Isso é condizente com o processo atual de globalização da economia e a necessidade das empresas por profissionais melhor capacitados. Os alunos dos professores da modalidade presencial também têm interesse em se capacitar para manterem seu emprego, mas não sofrem tanta pressão da empresa como os do ensino a distância.

Quantos às dificuldades sentidas ao trabalhar com alunos jovens e adultos, os monitores do ensino a distância ressaltaram: a baixa auto-estima que aflige os alunos, problemas psicológicos e medo que sentem de perder o emprego. Isso é uma consequência da pressão que a empresa exerce sobre seus trabalhadores. Muitos podem até se sentir em piores condições do que outros funcionários que têm um nível escolar mais elevado. Este é um problema que pode influenciar negativamente a permanência nos estudos.

Já os professores do ensino presencial, ressaltaram dificuldades como o cansaço e a falta de material adequado aos interesses dos jovens e adultos. Esse é um outro problema a ser superado pelos próprios professores, que devem fazer uso de sua criatividade. Se não há sequer cursos adequados para a formação de educadores de jovens e adultos, logo também não haverá material apropriado a ser trabalhado com esses alunos.

Sobre as dificuldades que o aluno tem na aprendizagem, os monitores destacaram problemas de raciocínio e de memorização. Isso pode ser até uma consequência do material didático utilizado por esses monitores, já que muitos se apoiam nos livros do Telecurso 2000. Os conteúdos podem não ser do interesse dos alunos o que dificulta a atenção aos temas abordados. Esses livros do Telecurso 2000 são feitos de maneira padronizada e pode dificultar ao aluno acompanhar a matéria se não estiver bem preparado. Muitos deles já vêm cansados de uma jornada de trabalho e ficar tentando compreender o conteúdo do livro pode ser bastante penoso. O

material utilizado em sala de aula deve priorizar o interesse do aluno jovem-adulto para que ele sinta vontade de permanecer no curso, apoiando-se em suas experiências de vida.

Um professor do ensino presencial destacou como dificuldade do aluno na aprendizagem o fato dele estar um longo tempo fora da escola, desse modo a volta é um pouco difícil até se acostumarem com as exigências provenientes do ato de estudar. Outros dois ressaltaram problemas de raciocínio e de assimilação. Isso também pode ser devido ao longo tempo fora da sala de aula.

Quando questionados quanto à influência que o estudo exerce no trabalho dos alunos, os monitores do ensino a distância disseram que eles desenvolvem maior autonomia, criticidade para resolver os problemas. Os professores do ensino presencial destacaram que o trabalho se torna mais consciente, e que o aluno se torna mais esclarecido.

Só pode haver mesmo melhoria no trabalho dos alunos quando se tornam mais educados e, conseqüentemente, desenvolvem maior capacidade para atuarem na empresa onde trabalham. O fato de estarem instruídos pode ser muito importante em diversas situações que porventura venham a passar. Até mesmo num momento de dificuldade terão capacidade de expressarem-se melhor buscando serem entendidos.

Os professores do ensino presencial não sentem exigência por parte das empresas em que os alunos trabalham quanto à freqüência e conclusão do curso. Dois disseram que isso depende da empresa. Já os monitores do ensino a distância afirmaram que as empresas não são exigentes quanto à freqüência mas, são muito exigentes quanto à conclusão dos alunos nos cursos. Isso é também uma conseqüência da busca que as empresas empreendem por funcionários mais bem capacitados.

Quanto à “média de tempo utilizada para a conclusão do curso pelos alunos, entre os que têm mais dificuldade nos estudos e os que têm menos”, os monitores disseram que seus alunos levam seis meses para concluir o curso entre os que têm mais facilidade e dezoito meses para aqueles que têm mais dificuldade. Um professor do ensino presencial disse que a média varia de dois a seis anos e um outro disse que os que têm mais

facilidade fazem as quatro séries iniciais do 1º grau em dois ou três anos, já os que têm mais dificuldade levam de seis a sete anos.

Podemos perceber aí uma diferença gritante entre a duração dos cursos nas duas modalidades de ensino. A modalidade de ensino a distância tem como uma das principais características o seu tempo de duração reduzido. Isso pode influenciar de maneira negativa no processo de aprendizagem dos alunos. Pode acontecer de alguns alunos preferirem o ensino a distância pelo seu tempo reduzido para conclusão do que o ensino presencial, que o tempo é mais longo.

Os recursos utilizados pelos monitores para solucionar as dúvidas dos alunos são pesquisas em livros e relatos de experiências. Os professores no ensino presencial fazem uso também de pesquisa em livros, artigos de jornal, trabalhos em grupo e um deles utiliza lista de exercícios e resolução feita na lousa pelos alunos. O fato de estarem sempre em contato uns com os outros faz com que os alunos se sintam mais a vontade em sala de aula. O entrosamento pode facilitar em muito o ato de solucionarem dúvidas e problemas conjuntamente.

Os professores do ensino presencial não utilizam livros didáticos e ressaltam a inexistência de material pedagógico voltado para a educação de jovens e adultos. Procuram sempre trabalhar com textos que sejam do entendimento dos alunos. A falta de material adequado também é uma consequência do descaso com a educação dos jovens e adultos no sistema educacional do país. Os monitores disseram que o livro utilizado está no nível de entendimento dos alunos, porém um deles disse que o material didático usado para o 1º grau está adequado aos alunos mas a adequação do material de 2º grau vai depender do nível de ensino que o aluno teve no 1º grau, uma vez que o curso é programado para alunos que estudaram o 1º grau através do Telecurso 2000.

Este é um problema gravíssimo para os alunos. Como afirmou um dos monitores, se um deles não estudou no 1º grau através do Telecurso 2000 não conseguirá acompanhar muito bem o curso de 2º grau, uma vez que existe uma espécie de continuidade. A elaboração do curso parece que forma um tipo de vínculo que prende o aluno a esta modalidade

de ensino: se ele recomeçou a estudar através do ensino a distância, terá que continuar com esta modalidade se não quiser recomeçar.

Quanto aos conteúdos trabalhados atenderem a especificidade do cotidiano dos alunos, os professores do ensino presencial disseram que procuram se aproximar da realidade dos alunos na medida do possível. O professor precisa se utilizar de sua criatividade para pesquisar temas que sejam pertinentes ao educando jovem/adulto. Já os monitores afirmaram que o conteúdo é programado para atender a especificidade do aluno.

Mas, como vimos anteriormente, há uma espécie de vínculo de continuidade no ensino a distância, tanto é assim que como ressaltou um monitor, se um aluno não tiver cursado o 1º grau pelo Telecurso 2000 dificilmente conseguirá acompanhar o curso de 2º grau. Então, não estará atendendo a especificidade desse aluno!

Os professores do ensino presencial consideram a presença do aluno em sala de aula como imprescindível. Já os monitores do ensino a distância crêem que isso depende do aluno, do nível de escolaridade em que ele se encontra. Se a presença do aluno na sala de aula não é tão importante podemos deduzir que, na visão desses professores, basta-lhe que o aluno tenha o conteúdo. Isso é uma forma do professor menosprezar-se a si próprio já que não considera importante que o aluno assista as suas aulas.

Na questão quanto ao rendimento apresentado pela turma que estuda antes de trabalhar ser o mesmo daquela que estuda depois do trabalho, todos concordaram que não é o mesmo. A turma que estuda antes de trabalhar tem o rendimento melhor do que a que estuda após o trabalho. Isso pode até ser um fato óbvio para nós, pois este é um dos graves problemas na educação de jovens e adultos a ser superado: o cansaço deles. O aluno que vem descansado para a sala de aula tem outra disposição para enfrentar o desafio da volta à escola. Ele necessita de muita atenção para compreender a matéria desenvolvida em sala de aula.

O número de alunos nas salas dos professores do ensino presencial varia de 15 a 40 alunos. Já nas salas dos monitores do ensino

presencial varia de 40 a 50 alunos. A diferença entre as duas modalidades não é tão grande, mas quanto menor o número de alunos em sala de aula melhor será o rendimento da turma.

Ao que parece o ensino a distância leva bem a sério o fator de possibilidade de oferecimento do ensino a grandes contingentes populacionais. O que devemos questionar é se a qualidade do ensino não está baixa devido ao grande número de pessoas na sala para serem atendidas por um único monitor que deve trabalhar conteúdo de disciplinas para as quais não tem formação específica.

VI. CONCLUSÕES

Com as análises feitas anteriormente, o que se percebe é que os cursos para educação de jovens e adultos, e na educação em geral, estão se desviando do lado humano no processo de aprendizagem. O ensino a distância causa um afastamento entre professor e aluno, uma coisa que nunca deveria acontecer por ser de grande importância no processo educacional dos educandos.

Com isso o ensino a distância, ao que parece, está preocupado em apenas passar o conteúdo aos alunos, como se isso bastasse a eles. Porém, isso não é o principal motivo no processo de aprendizagem dos alunos, na modalidade presencial o conteúdo é importante mas existe outros elementos fundamentais, como as relações sociais formadas na sala de aula e o contato com valores humanos que não se poderia ter em outra forma de educação.

Esse modelo do ensino a distância pode apresentar vantagens para um complemento didático às aulas, mas não como metodologia única de aprendizagem.

A educação a distância não tem condições de levar o aluno a desenvolver uma mentalidade crítica acerca dos problemas vigentes devido às carências que possuem enquanto metodologia de trabalho. Os monitores das salas de aula não têm condições de suprir essa característica de desenvolvimento crítico por dois motivos. O primeiro é que não foram formados para trabalhar com alunos jovens e adultos. O segundo é que o material que lhes é imposto trabalhar não atende a especificidade dos seus alunos.

De acordo com Pinto (1987:84), "o que compete ao educador é praticar um método crítico de educação de [jovens e] adultos que dê ao aluno a oportunidade de alcançar a consciência crítica instruída de si e de seu mundo. Nessas condições ele descobrirá as causas de seu atraso cultural e material e as exprimirá segundo o grau de consciência máxima possível em sua situação."

É impressionante o crescimento desse “método de ensino” Faz parte de um lado ruim do processo de aquisição do conhecimento que vivenciamos. Dificulta a relação professor-aluno. Hoje, nota-se que várias empresas estão buscando essa forma de educação para escolarizar seus funcionários que, em pouco tempo, poderão receber seus certificados do ensino fundamental e/ou médio.

Uma das grandes desvantagens desse modelo é que não há uma caracterização da clientela atingida no processo educativo. Sendo uma forma de “educação de massa”, não oferece condições de se conhecer a história de vida dos participantes. Existe mesmo uma perda irreparável para o desenvolvimento social dos alunos. O único interesse é a transmissão de conteúdos, sem levar em consideração se os temas abordados são pertinentes ou não ao grupo de educandos.

Evidentemente, que jovens e adultos poderão ser incentivados pela empresa a terminarem sua escolarização através de cursos de Educação a Distância, mas também pelos condicionantes sociais do mercado de trabalho são forçados a realizarem sua escolarização acompanhando sozinhos os cursos via TV, como por exemplo o Telecurso 2000. Fica claro, com isto, que não haverá condições de uma visão crítica da realidade que se poderia obter com o estudo coletivo, em sala de aula, nas discussões e debates proporcionados pelos professores do ensino presencial.

Ter visão crítica do que ocorre à nossa volta é uma obrigação enquanto cidadãos. Somente refletindo conscientemente sobre os acontecimentos é que podemos promover uma mudança significativa na sociedade. Caso contrário, continuará ocorrendo somente a manutenção do *status quo*, que é o que interessa às classes dominantes.

Dessa maneira, o que se percebe é que o ensino a distância não pode e não deve tomar o lugar do ensino presencial, ou seja aquele em que existe a mediação do professor. A educação a distância será dada em situações especiais e não podemos deixar que essa modalidade de educação seja priorizada em detrimento do ensino presencial.

VII. BIBLIOGRAFIA

- ALVES, João R. M. "Educação a Distância e as Novas Tecnologias de Informação e Aprendizagem", <http://www.engenheiro2001.org.br/programas/980201a1.htm>, 1998.
- BRASIL, Lei Federal nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL, Decreto Federal nº 2.494, de 10 de fevereiro de 1998.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização**, São Paulo: Moraes, 1980
- Fundação Roberto Marinho., Telecurso 2000, <http://www.frm.org.br/tc2000>, acesso em 02/98.
- GARCIA, Carlos M. "A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor", in **Os Professores e a Sua Formação**, NOVOA, António (coord.), Instituto de Inovação Educacional, Lisboa, 1992.
- GIUBILEI, Sonia. **Trabalhando Com Adultos, Formando Professores**, Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- GOGUELIN, P. **La Formation Continue des Adultes**, In: LEON, Antoine. **Psicopedagogia dos Adultos**, trad. de Ione de Andrade e Maria Elisa Mascarenhas, São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1977.
- GONÇALVES, Consuelo T.F. "Quem Tem Medo do Ensino a Distância" in **Revista Educação a Distância**, nº 7-8, 1996, INED/IBASE.
- LEON, Antoine. **Psicopedagogia dos Adultos**, trad. de Ione de Andrade e Maria Elisa Mascarenhas, São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1977.
- McNEIL, J. "Currículo Reconstrucionista Social" (trad. Prof. José Camilo dos Santos Filho), cap. 5, (apostila) in **O Curriculum: A Comprehensive Introduction**, Boston, Little Brown and Company, 1984.
- MERVAL, Rosa. **Psicologia Evolutiva: Psicologia da Idade Adulta**, Petrópolis, Vozes, 1994.
- NETZ, Clayton. "Investimento Sem Risco" in **Revista Exame** nº. 15, 17/07/1996, pp. 40-47.

- NORBECK, Johan. "O Educando Adulto" in **Educação de Adultos** . GUSMÃO, M. J. e MARQUES, A. J. G. (org.), Universidade do Minho, Braga, Portugal, 1978.
- NOVOA, António. "Formação de Professores e Profissão Docente", in **Os Professores e a Sua Formação**, NOVOA, António (coord.), Instituto de inovação Educacional, Lisboa, 1992.
- NUNES, Ivônio B. "Noções de Educação a Distância" , <http://www.intelecto.net/ead/ivonio1.html>, acesso em 02/98.
- PAIVA, Vanilda P. **Educação Popular e Educação de Adultos**, Ed. Loiola, São Paulo, 1987.
- PINTO, Álvaro V. **Sete Lições sobre Educação de Adultos**. São Paulo: Cortez, 1987.
- PRADA, Luis E. A. **Formação Participativa de Docentes em Serviço**, Cabral Editora Universitária, 1997.
- SEIXAS, Jair S. "Educação – A Busca Da Qualidade", <http://www.br101.com/educar/> acesso em 05/98.
- UNIMED, "Mas, o que é qualidade total ?", <http://www.unimedfesp.com.br/quapg2.htm>, acesso em 05/98.

VIII. ANEXOS

Anexo 1

Questionário

- 1) Qual sua formação ?
- 2) É necessário que o professor (monitor/orientador) de adultos tenha uma formação específica ?
- 3) Que *características* o professor (monitor/orientador) de adultos deve ter ?
- 4) Como os alunos chegam à sala de aula ? É uma recomendação da empresa em que ele trabalha ou por livre e espontânea vontade ?
- 5) Quais as dificuldades que tem para trabalhar com o adulto ?
- 6) Quais as dificuldades que o aluno tem na aprendizagem ?
- 7) Há alguma influência do ensino no trabalho dos alunos ?
- 8) Existe alguma exigência por parte da empresa em que o aluno trabalha quanto à sua frequência e conclusão ?
- 9) Qual a média de tempo para o aluno terminar o curso, entre aquele que tem mais facilidade no ensino e o que tem mais dificuldade ?
- 10) Que recursos são utilizados para solucionar as dúvidas dos alunos ?
- 11) O livro (e/ou texto) adotado para estudo dos alunos está ao nível de conhecimento desses, levando-se em consideração as diferenças com que cada aluno chega ao curso?
- 12) Ao trabalhar os conteúdos, você atende à especificidade do cotidiano do seu aluno adulto ?
- 13) Considera importante a presença do aluno adulto às aulas ou o estudo pode ser desenvolvido à distância ?
- 14) A turma que estuda antes do trabalho tem o mesmo rendimento daquela que estuda depois do trabalho ?
- 15) Qual o número de alunos na sala de aula ?

Anexo 2 - Quadro Demonstrativo dos Professores Quadro 1

| ENSINO PRESENCIAL | | | |
|-------------------|--|--|--|
| | Prof. 1 (SESI) | Prof. 2 (Supletivo) | Prof. 3 (FUMEC) |
| 1 | Matemática (Lic.) | Magistério - PII - Letras (Lic.) | Magistério e Biologia (Lic.) |
| 2 | Não | Não é necessário, Para 2º grau, faculdade | Acredito q/ se a formação for específica melhor será o trabalho |
| 3 | Dinâmico, conciso, objetivo, consciente | Calmo, leitor, pesquisador, dinâmico, atencioso | Deve ser empreendedor, buscando sempre assuntos de interesse dos adultos. Deve ser leitor constante. |
| 4 | Por necessidade | Maioria por livre vontade (necessidade de aprender) | A maioria chega à aula por espontânea vontade. Alguns são encaminhados por empresas. |
| 5 | Cansaço dos alunos | Falta de textos próprios para adulto. Não há livros preparados para adultos (Material próprio) | Falta material próprio, de interesse do adulto |
| 6 | Muito tempo fora da escola | Raciocínio. Assimilação | Principalmente nas séries iniciais é a falta de raciocínio e dificuldades na escrita de textos. |
| 7 | O trabalho é mais consciente, com questionamento | Sim. Abre a perspectiva de visão melhor para adaptação ao trabalho | Acho q/ há, pois o aluno se tornando esclarecido e crítico, logicamente isso vai influenciar no seu trabalho |
| 8 | Não | É variável. Depende da empresa. | Algumas empresas exigem q/ seus funcionários se reciem, mas não tenho no momento aluno nessa situação |
| 9 | Quase a mesma | Média varia de 2 a 6 anos. | O q/ tem mais facilidade faz as 4 séries iniciais em 2 anos ou 3, os mais lentos levam até uns 6 ou 7 anos. |
| 10 | Lista de exercícios, resolução feita pelos alunos na lousa | Material pedagógico geral, palestra, crítica construtiva, trabalho em grupo, pesquisa, artigos de jornal e revista, etc. | P/ tirar dúvidas dos alunos, influenciamos os mesmos a pesquisar, trocar idéias com colegas e professores. |
| 11 | Não usa livro | Não há livros próprios para adultos. Textos diversificados (jornais, coletâneas, literatura, poesia) | Não adotamos livros e procuramos sempre um texto ao alcance de seu entendimento. |
| 12 | Na medida do possível, mas sempre aproximando da realidade | Sim. Partindo da realidade deles. | Os conteúdos são trabalhados, na medida do possível, atendendo à especificidade dos alunos. |
| 13 | A participação é imprescindível | Sim. É importante sua presença em sala de aula | É muito importante que o aluno esteja presente às aulas. |
| 14 | Não | Tem o rendimento melhor do que os outros que chegam cansados (atraso) | Não me deparei ainda c/ essa situação. Meus alunos vem p/ a sala de aula quase todos depois do trabalho, esse é um fator de dificuldade p/ um melhor aproveitamento. |
| 15 | 40 | Entre 15 e 35 alunos. | Uma média de 15 a 30 alunos por sala. |

Anexo 3 - Quadro Demonstrativo dos Monitores Quadro 2

| ENSINO A DISTÂNCIA | | | |
|--------------------|---|--|--|
| Ques- tão | Prof. 4 (SESI - Comunidade) | Prof. 5 (SESI - Empresa) | Prof. 6 (Empresa) |
| 1 | Magistério | Magistério | Bióloga |
| 2 | Não | Não | Não |
| 3 | Objetivo, dinâmico | Dinâmico, objetivo | Objetivo, dinâmico, conhecedor da realidade dos alunos. |
| 4 | Por livre vontade e indicação da empresa. | Indicação ou pressão da empresa e livre vontade | Por pressão da empresa, indicação da empresa e livre vontade |
| 5 | Problemas de auto-estima em baixa, problemas domésticos q/ trazem p/ a sala de aula (desemprego, dpença, etc) | Problemas psicológicos, baixa auto-estima. | Medo de perder emprego, problemas de auto-estima baixa. |
| 6 | Problemas de raciocínio | Problemas de memorização, falta de raciocínio lógico | Problemas de memorização, falta de raciocínio lógico |
| 7 | Sim, maior autonomia | Sim. São mais autônomos e mais críticos | Sim. Desenvolvem a criticidade e autonomia para resolver problemas. |
| 8 | Não | Quanto à frequência não, mas quanto à conclusão sim e muita. | Quanto à frequência não, mas quanto à conclusão sim e muita. |
| 9 | Média é mais ou menos a mesma. | 6 meses p/ os c/ mais facilidade, 18 meses p/ os c/ mais dificuldades. | 6 meses p/ os c/ mais facilidade, 18 meses p/ os c/ mais dificuldades. |
| 10 | Pesquisas e relatos de experiências | Pesquisas em livros. | Pesquisas em livros e relatos de experiências dos alunos |
| 11 | Sim. | Sim. | P/ o 1º grau sim. Já p/ o 2º grau, existe uma heterogeneidade qto. à qualidade do curso de 1º grau entre os alunos da classe. O curso é programado p/ alunos q/ cursaram o 1º grau através do TC2000 |
| 12 | Sim. Os livros são programados p/ este fim. | Sim. | Sim. O material utilizado atende à especificidade dos alunos. |
| 13 | Depende do aluno. | Depende do nível da escolaridade do aluno. | Depende do grau em que o aluno se encontra e se consegue acompanhar bem. |
| 14 | Não. | Não a q/ estuda antes do trabalho tem rendimento melhor. | Não a q/ estuda antes do trabalho tem rendimento melhor. |
| 15 | Mais ou menos 40 alunos | De 45 a 50 alunos. | 1º grau: 47 alunos 2º grau: 48 alunos. |